
Corporeidade na Educação Infantil: Diálogos entre Educação Física e Infâncias

Corporeality in Early Childhood Education: Dialogues between Physical Education and Childhood

Roberta Balzana da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7520-9423>

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil

E-mail: robertabalzana@gmail.com

Martha Lenora Copolillo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3287-8670>

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil

E-mail: marthacopolillo@id.uff.br

RESUMO

Este artigo dialoga com conceito de corporeidade (Copolillo, 2020) e devir-criança (Kohan, 2005) na compreensão das infâncias e nas interações entre a Educação Física e a Educação Infantil. Problematisa as visões tradicionais sobre o corpo, a criança e a aprendizagem, e aponta uma abordagem mais crítica, criativa e emancipatória. Estes conceitos apresentam um caminho possível no ato de reconhecer o corpo como elemento fundamental para a expressão, a comunicação e a aprendizagem das crianças. Assim, a abordagem destes conceitos no campo de intercessão entre Educação Física e Educação Infantil promovem um deslocamento para uma possível pedagogia que estimule a criatividade, a experimentação e a autonomia das crianças.

Palavras-chave: corporeidade; educação infantil; devir-criança

ABSTRACT

This article dialogues between the concepts of corporeality (Copolillo, 2020) and becoming-child (Kohan, 2005) in understanding childhoods and interactions between Physical Education and Early Childhood Education. It problematizes traditional views on the body, children and learning, and points to a more critical, creative and emancipatory approach. These concepts present a possible path towards recognizing the body as a fundamental element for children's expression, communication and learning. Thus, the approach of these concepts in the field of intersection between Physical Education and Early Childhood Education promotes a shift towards a possible pedagogy that stimulates children's creativity, experimentation and autonomy.

Keywords: corporeality; child education; becoming-child

INTRODUÇÃO

A corporeidade, como conceito desempenha um papel significativo na relação do trabalho pedagógico da Educação Física com a Educação Infantil no cotidiano escolar. Para as crianças a consciência corporal, conhecer o seu próprio corpo e suas relações com o contexto no qual se insere, se torna campo fértil que possibilita vivências de práticas educativas que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. Este artigo propõe uma reflexão sobre as intersecções e diálogos entre a Educação Física e a Educação Infantil, ancorados no conceito de corporeidade e devir criança (Kohan 2005).

O cenário atual da maioria das escolas, em que a responsabilidade pelas práticas relacionadas à cultura corporal frequentemente recai exclusivamente sobre os professores de Educação Infantil, apresenta desafios. Embora diversos autores já tenham investigado acerca das concepções de corporeidade e as infâncias, bem como a relação entre a Educação Física e a Educação Infantil, este artigo visa acrescentar algumas questões que se escrevem ao pensarmos a partir das escolhas epistemológicas tecidas nesse texto.

No âmbito da formação das crianças, é fundamental estabelecer um diálogo entre os campos de atuação dos professores de Educação Infantil e os professores de Educação Física. A corporeidade transcende a ideia de um corpo como máquina que necessita sempre ser aprimorado, medido e comparado na sua eficiência. Podemos dizer que ao falarmos de corporeidades estamos falando do próprio corpo, dos sentidos e significados que se criam a partir de diferentes vivências, refletindo as formas de ser e estar no mundo (Copolillo, 2020). As brincadeiras, jogos e atividades preponderantes na Educação Infantil estão intrinsecamente entrelaçados com a noção ampla de corporeidade, que funciona como um processo condutor na construção do conhecimento. Seguindo essa trajetória, percebemos o valor da Educação Física como área do saber, abrangendo o corpo como um todo e ampliando nossa visão educacional para uma compreensão mais abrangente da cultura corporal. (Copolillo, Saneto, 2020), (Silva, 2001), (Rufino, 2021), (Oliveira e Mizukani, 2007), (Martins, 2018).

As autoras Oliveira e Mizukani (2007) apresentam uma proposta pedagógica que visa desenvolver a expressão corporal das crianças na Educação Infantil. Elas defendem que a expressão corporal é uma forma de linguagem que permite às crianças comunicarem suas emoções, sentimentos e ideias de maneira enriquecedora., expressas por movimentos que, também, por vezes, denunciam suas instabilidades e dificuldades no ambiente escolar.

Com base nas contribuições de Kohan (2002, 2005), a compreensão da corporeidade na infância transcende as diferenças meramente biológicas entre adultos e crianças. Esses autores postulam que a infância e o corpo devem ser entendidos como construções culturais e biológicas, desafiando o determinismo biológico. Assim, considerar a corporeidade na infância implica reconhecer a interação entre natureza e cultura, abrindo caminho para uma visão mais ampla e integrada do desenvolvimento infantil¹². Kohan enfatiza que a infância não se limita a uma fase específica da vida, mas está sempre presente, especialmente em momentos de plenitude emocional, criação e invenção. Ouvir as crianças, em vez de controlá-las, é fundamental para compreender suas experiências e potencialidades.

Corpo e corporeidade

David Le Breton, em sua obra “A Sociologia do Corpo”, oferece uma análise abrangente da relação entre o corpo e a sociedade. Ele explora profundamente como o corpo humano transcende sua natureza meramente biológica, sendo moldado e dotado de significado por meio de uma intrincada interação com as estruturas sociais e culturais. O corpo não é apenas um receptáculo físico; é também um veículo de expressão que ultrapassa limites, manifestando a identidade individual e coletiva. Assim, o corpo não se limita a ser um instrumento de sobrevivência; é uma linguagem complexa e um meio de interpretar a vida em todas as suas nuances.

As ideias de Le Breton destacam a importância do corpo como uma dimensão fundamental da experiência humana. Essa perspectiva reconhece que o corpo não é apenas um conjunto de partes físicas, mas sim uma entidade que se envolve em uma dança complexa com o ambiente e com outros indivíduos. Essas interações são cruciais para o desenvolvimento e crescimento humano em diversos aspectos. Segundo Le Breton (2009): “A percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção cultural” (p. 56)

A percepção de nossos corpos é profundamente influenciada por nossa posição na sociedade e pelos valores culturais que nos cercam. Essa visão do corpo é um constructo intrincado, variando conforme os contextos sociais e culturais em que estamos inseridos.

No contexto da Educação Infantil, o conceito de corporeidade vai além do reconhecimento do corpo como um simples mecanismo biológico. Ele implica

compreender a criança como um ser que vive, sente e se expressa por meio de seu corpo. Essa perspectiva embasa a importância das experiências corporais ricas e significativas para o desenvolvimento integral das crianças, abrangendo não apenas aspectos físicos, mas também cognitivos, culturais, emocionais e sociais.

A abordagem crítica que Le Breton propõe em relação às normas corporais e à estigmatização (ao afirmar que "o processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem" (Le Breton. 2009, p. 8)) é um chamado à reflexão sobre como a sociedade muitas vezes impõe padrões de beleza e funcionalidade que podem levar à exclusão e marginalização de corpos considerados "diferentes". Da mesma forma, o conceito de corporeidade na Educação Infantil visa fomentar a aceitação e valorização da diversidade corporal, rejeitando estereótipos prejudiciais e promovendo um ambiente onde todas as formas, tamanhos e habilidades são respeitados.

Le Breton e o conceito de corporeidade corrobora de maneira significativa nas reflexões sobre a produção de conhecimento na Educação Infantil, ao destacar a expressão corporal e o movimento como elementos fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças. Este autor, ao ressaltar que o corpo é um veículo de expressão e comunicação que vai além das palavras, nos remete à compreensão de como as crianças utilizam gestos, posturas e expressões faciais para transmitir sentimentos e pensamentos que, muitas vezes, são difíceis de expressar verbalmente. Por exemplo, na Educação Infantil, professores podem observar a linguagem corporal das crianças para compreender melhor suas emoções e necessidades, permitindo uma interação mais sensível e eficaz.

O conceito de corporeidade, pensado no âmbito da Educação Infantil, destaca a importância do movimento, da brincadeira e da expressão criativa no desenvolvimento integral das crianças. O corpo é uma linguagem (Copolillo, 2020). Ao envolver as crianças em diversas atividades físicas, como jogos de equipe, dança ou expressão artística corporal, a compreensão do corpo como uma linguagem corrobora para uma percepção mais sensível e atenta aos detalhes que, geralmente, passam despercebidos. Essas práticas também favorecem a interação social, a cooperação e a percepção das próprias capacidades, contribuindo para uma autoimagem positiva. Além disso, a corporeidade é uma noção que se apoia na valorização da diversidade e da singularidade das expressões corporais das crianças, reconhecendo-as como formas de comunicação e construção de conhecimento.

Por exemplo, ao incentivar atividades de cantar e dançar, as escolas oferecem oportunidades para o desenvolvimento da musicalidade, sensibilidade e criatividade das crianças. Essas atividades promovem a interação cultural e a cooperação, ajudando na compreensão das diversas formas de expressão e contribuindo para uma identidade autêntica. De acordo com Correia (2020), o ato de cantar e dançar permite às crianças vivenciarem sua corporeidade de forma criativa, lúdica e crítica, ampliando a compreensão de si mesmas e do mundo. Esses enfoques compartilham a ideia de que o corpo é uma ferramenta poderosa para interagir com o mundo e para construir uma compreensão mais profunda de si mesmo e da sociedade circundante.

Na Educação Infantil, isso pode ser observado quando as crianças são encorajadas a representar cenas da vida cotidiana ou histórias usando seus corpos e expressões faciais (Oliveira, A. P. 2007). Essas atividades não apenas estimulam a criatividade, mas também ajudam as crianças a refletirem sobre papéis sociais, emoções e situações. Oliveira (2007) afirma que o corpo é um instrumento de aprendizagem e de construção de identidade, que permite às crianças interagirem com o mundo e consigo mesmas.

Entender esses conceitos ajuda a perceber práticas pedagógicas que envolvem a exploração sensorial e a manipulação de materiais, por meio do toque, da exploração tátil e da criação de objetos, as crianças ampliam seu entendimento do mundo que o cerca. O corpo se torna uma conexão entre teoria e prática, permitindo que as crianças liguem conceitos abstratos a experiências concretas.

Ao observar como as crianças expressam emoções e entendem o mundo ao seu redor por meio do corpo, os educadores podem oferecer experiências que promovam o crescimento cognitivo, emocional e social. Com práticas pedagógicas que valorizam a expressão corporal e o movimento, a Educação Infantil se torna um espaço onde as crianças exploram, aprendem e constroem sua compreensão de si mesmas e da sociedade. Contudo, é importante ressaltar que pensar a corporeidade no fazer pedagógico, nesta zona que permeia a Educação Infantil e a Educação Física, não é uma panacéia, não se tratar de propor soluções mágicas, mas apenas de deslocar o pensar e propor uma outra forma de encarar o mesmo. Trata-se de reconhecer a corporeidade como uma dimensão fundamental da experiência educativa, onde o corpo é visto como um agente ativo na construção do conhecimento e na interação com o mundo, proporcionando um olhar mais holístico e integrado sobre o desenvolvimento infantil

Devir Criança

O conceito de "devir criança", proposto por Walter Omar Kohan, é intrinsecamente relacionado ao conceito de corporeidade, formando uma sinergia que lança luz sobre a experiência humana na sua forma mais essencial e visceral. Ambos os conceitos convergem para desafiar as fronteiras tradicionais da Educação, ao redefinir a maneira como entendemos o ser humano em sua totalidade e complexidade.

Kohan (2005), ao introduzir o "devir criança", sugere que a infância não é apenas uma fase transitória na vida de um indivíduo, mas um estado de ser que transcende os limites do tempo. O "devir criança" enfatiza a importância de compreender e respeitar a perspectiva Infantil, permitindo que cada criança se manifeste e se desenvolva em sua própria jornada única. Esse conceito convida a uma Educação que não se prende a moldes predefinidos, mas sim que se adapta às necessidades e interesses individuais das crianças, possibilitando que elas encontrem sua própria voz e sentido no mundo. Cada criança, em cada momento, é uma expressão em um campo de correlação de forças, um instante, uma singularidade, um universo a ser desvendado.

Aqui, o conceito de corporeidade entra em cena como um componente vital da experiência de "devir criança". A corporeidade reconhece que a criança não é apenas uma mente em desenvolvimento, mas um ser integral que experimenta, sente e se expressa através de seu corpo. É através da corporeidade que a criança entra em contato direto com o mundo, descobrindo-o por meio dos sentidos, da movimentação e da exploração. A corporeidade, portanto, é a base sobre a qual a criança constrói sua compreensão inicial do ambiente, interage com os outros e desenvolve sua identidade.

Quando unimos os conceitos de "devir criança" e corporeidade, desvendamos uma abordagem pedagógica que coloca o ser da criança no centro da experiência educativa. A Educação deixa de ser uma transmissão unilateral de informações para se tornar um espaço onde a criança é convidada a explorar, experimentar e expressar-se plenamente. Não existem certezas, o deslocamento no pensar e na percepção do ser aceita a efemeridade do instante e imprevisibilidade da linguagem do corpo.

Nesse contexto, a corporeidade age como uma linguagem primordial através da qual a criança interage com o mundo e com os outros. O corpo se torna um veículo para a aprendizagem, a comunicação e a autoexpressão, permitindo que a criança mergulhe de maneira profunda e autêntica na experiência educativa.

A corporeidade, sob a perspectiva do "devir criança", transcende o mero aspecto físico. Ela abrange a forma como a criança se relaciona com suas emoções, com o espaço ao seu redor e com suas próprias potencialidades. Através de atividades que envolvem movimento, expressão artística, jogos e interações sociais, a corporeidade é explorada de maneira ampla e multifacetada. A Educação não apenas reconhece a importância do corpo, mas o celebra como um portal para a descoberta, a aprendizagem e a autoafirmação.

Em última análise, a interseção entre o conceito de "devir criança" e corporeidade cria um espaço educativo que pode ser transformador e portanto, emancipador. Uma Educação que abraça esses conceitos valoriza a singularidade de cada criança, incentivando-as a explorar e se expressar através de seus corpos. Essa abordagem nutre o crescimento holístico, respeitando a jornada individual de cada criança enquanto oferece um terreno fértil para a aprendizagem significativa e a construção de uma identidade autêntica. O "devir criança", impulsionado pela corporeidade, desencadeia uma revolução na Educação, desafiando paradigmas ultrapassados e abrindo caminho para uma abordagem mais empática, flexível e profundamente humana (Kohan, 2002).

Em resumo, o conceito de devir-criança propõe uma nova abordagem na Educação, reconhecendo a infância como um tempo próprio e valorizando a singularidade, autonomia e criatividade das crianças. Essa concepção enfatiza a importância do brincar, da expressão artística e da participação das crianças no processo educativo como sujeitos ativos e propositivos, visando uma Educação mais inclusiva.

As infâncias

O conceito de "devir-criança" propõe uma mudança de perspectiva, afastando-se das visões tradicionais que consideram a criança como um adulto em formação. Em vez disso, segundo Kohan (2005), enfatiza-se a importância de valorizar e compreender a infância como uma fase singular e autônoma, repleta de experiências, descobertas e produção de significados. Reconhecer a infância como um período próprio permite que as crianças tenham o direito de brincar, explorar o mundo ao seu redor e se expressar livremente. Nesse contexto, a Educação é vista como um processo de criação, no qual a criança é protagonista de sua própria aprendizagem, construindo conhecimentos de forma ativa e significativa.

O conceito de “devir-criança” transcende as abordagens tradicionais na Educação, apresentando uma ruptura revolucionária com as perspectivas padronizadas e normativas que frequentemente moldam a experiência educacional. Essa abordagem radical propõe um olhar mais atento e profundo sobre as crianças, reconhecendo e celebrando a extraordinária diversidade de maneiras de ser e aprender que cada criança traz consigo. Cada criança é, essencialmente, uma entidade singular e única, e o conceito de “devir-criança” nos lembra que, assim como na natureza, cada indivíduo carrega suas próprias sementes de potencialidade. Esse entendimento central é fundamental para desencadear um processo educativo provavelmente enriquecedor.

Dentro do contexto dessa abordagem, a singularidade de cada criança é vista como um tesouro a ser explorado, em vez de uma peculiaridade a ser uniformizada. A diversidade não é mais considerada um desvio da norma, mas sim um pilar central do processo educativo. A partir dessa perspectiva, a Educação se transforma em uma jornada de descoberta, onde educadores atentos e sensíveis procuram entender os modos únicos pelos quais cada criança compreende, interage e assimila o mundo ao seu redor. As diferenças individuais são honradas e celebradas, contribuindo para a construção de um ambiente inclusivo que acolhe todos os matizes de personalidade, habilidades e ritmos de aprendizado.

Na base deste conceito, reside a respeito da individualidade. Cada criança carrega consigo um conjunto único de interesses, talentos e formas de expressão. Portanto, o papel do educador se transforma em uma jornada de descoberta mútua, onde ele busca compreender profundamente o que faz cada criança brilhar. Isso envolve reconhecer os pontos fortes e as áreas de interesse de cada criança, permitindo que a Educação seja inclusiva e, conseqüentemente para todas as crianças e suas potenciais diferenças..

Dessa forma, a sala de aula deixa de ser um ambiente homogêneo e se transforma em um caleidoscópio de individualidades em um campo de correlação de forças que são incentivadas a florescer.

Existe também uma outra infância, que habita outra temporalidade, outras linhas, a infância minoritária. Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que interrompe a história, que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes: "a criança autista", "o aluno nota dez", "o menino violento". É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do "seu" lugar e se situar

em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados. (Kohan, 2005, pá. 71)

Kohan (2005) delinea uma abordagem fundamentalmente alternativa e desafiadora em relação à infância, ao explorar o conceito da "infância minoritária". Essa infância é contrastada com a noção mais convencional e predominante, apresentando-a como uma experiência que habita uma temporalidade e um espaço distintos. A ênfase é colocada na infância como uma vivência rica em significado, não simplesmente como um estágio de transição ou preparação para a vida adulta, mas como um momento intenso e poderoso de ruptura, resistência e criação. Uma expressão pontual da singularidade que deve ser percebida como única em seu tempo de espaço.

A infância minoritária possui várias dimensões. Ela é considerada uma experiência dinâmica e ativa, destacando que não se trata apenas de um período passivo de crescimento, mas sim de um espaço onde as crianças vivenciam e moldam ativamente sua própria realidade. Essa concepção desafia as normas preestabelecidas e se manifesta como uma revolução e uma resistência contra estruturas totalizantes e homogeneizadoras. Em outras palavras, reconhecemos que os efeitos dos processos de aprendizagem não podem ser generalizados.

O conceito de “devir minoritário” enfatiza a singularidade de cada criança e sua capacidade de transcender movimentos uniformes que frequentemente tentam moldar e limitar suas experiências. A infância minoritária se revela em detalhes e momentos que escapam das categorizações simplistas. Ela se opõe à rotulação e à padronização, como exemplificado pelas expressões “a criança autista”, “o aluno nota dez” ou “o menino violento”. Essas rotulações frequentemente limitam nossa visão sobre a criança e não reconhecem a riqueza de sua singularidade.

Além disso, a infância minoritária é descrita como uma intensidade e um envolvimento profundo com o mundo. As crianças não são meras observadoras passivas; são participantes ativas que se conectam profundamente com suas experiências, emoções e percepções. Essa intensidade se manifesta na capacidade da criança de explorar territórios desconhecidos e inesperados, indo além de seu ambiente familiar. Em suma, Kohan (2005) nos convida a repensar a infância não apenas como uma fase de preparação, mas como um momento de potência e transformação. Ela ressalta a necessidade de reconhecer a infância como uma experiência única, diversificada e intensa, que pode ser uma fonte de ruptura e resistência em relação às normas sociais. A infância minoritária

desafia a ideia de que a infância é uniforme e universal, e nos convida a celebrar a riqueza das experiências individuais e a capacidade das crianças de criar e moldar ativamente seus próprios caminhos.

Para incorporar plenamente o conceito de devir-criança na prática educacional, é vital criar um ambiente que nutra e respeite a individualidade de cada criança. Isso implica na criação de oportunidades flexíveis de aprendizado, onde as crianças podem explorar temas de interesse, perseguir suas paixões e descobrir suas próprias maneiras de aprender. Também envolve a promoção de interações significativas e colaborativas, onde as crianças podem compartilhar suas perspectivas únicas e aprender umas com as outras. O educador age como um guia atencioso, apoiando e facilitando o processo de aprendizagem, enquanto honra o desejo inato da criança de explorar e descobrir.

O conceito de devir-criança é um deslocamento, não é um método, não é uma receita. Trata-se de algo que se baseia na aceitação, na celebração da diversidade e na valorização da singularidade de cada criança. Através dessa abordagem, a Educação se torna uma jornada personalizada de descoberta, onde as crianças são empoderadas para explorar suas paixões, expressar suas vozes e abraçar seus próprios caminhos de aprendizado. Educadores e educandos se unem em uma colaboração enriquecedora, construindo uma Educação que respeita a individualidade e cultiva o potencial ilimitado de cada criança.

A ideia de devir-criança também destaca a importância de uma abordagem pedagógica que valorize as brincadeiras, a imaginação e a criatividade. Através do brincar e da expressão artística, as crianças têm a oportunidade de explorar diferentes linguagens, experimentar novas possibilidades e desenvolver sua autonomia e capacidade crítica. Neste ponto, este conceito apresenta-se como um interessante viés para se pensar a dimensão da corporeidade como campo de produção de conhecimento no contexto da Educação Física e Educação Infantil.

Kohan (2005) ressalta que a concepção de devir-criança implica em repensar as práticas educativas, buscando uma Educação mais inclusiva, participativa e democrática. Isso envolve considerar a voz e a participação das crianças nas decisões que afetam suas vidas, promovendo espaços de diálogo e respeitando suas opiniões e perspectivas.

CONCLUSÃO

As noções de corporeidade e o conceito de devir criança, quando associados, são, antes de tudo, uma provocação, um ato de questionar verdades e se permitir experienciar o novo, o belo, e o único que se manifesta na singularidade, em cada criança. Essa abordagem nos convida a criar um ambiente que nutra e respeite as singularidades.. Não se trata apenas de reconhecer diferenças, mas de celebrá-las como pilares fundamentais do processo educativo.

Nesse cenário, a Educação se torna uma caminhada coletiva e ao mesmo tempo personalizada de descobertas. Educadores atuam como guias atenciosos, como mediadores apoiando e facilitando o processo de construção de conhecimentos, enquanto honram o desejo da criança de explorar, descobrir, criar, acertar e errar.. As interações significativas e colaborativas entre educadores e educandos enriquecem essa jornada, construindo uma Educação que valoriza a singularidade e cultiva o potencial ilimitado de cada criança.

A ideia de “devir-criança” também destaca a importância de uma abordagem pedagógica que valorize o brincar, a imaginação e a criatividade. Por meio dessas expressões, as crianças exploram diferentes linguagens, experimentam novas possibilidades e desenvolvem autonomia e capacidade crítica. Essa perspectiva se estende à dimensão da corporeidade, onde o movimento, a expressão artística e a interação com o corpo se tornam campos ricos de produção de conhecimento.

Kohan (2005) ressalta que repensar as práticas educativas à luz do “devir-criança” é potencializar uma Educação emancipadora. Assim, ao abraçar essa visão, educadores e crianças se unem em uma jornada de descoberta mútua, desvendando o potencial único de cada ser em constante devir.

REFERÊNCIAS

COPOLILLO, M. **Tecendo significados: leituras de professores (as) de Educação Física acerca das concepções de corpo na mídia televisiva**. Dissertação (Mestrado)– Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. COPOLILLO, M. CUPOLILLO, A. Sentir, pensar e olhar: múltiplos significados para os corpos sujeitos. XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2011.

COPOLILLO, M. **Tessituras que tramam algumas redes de conhecimentos e significados que movimentam o cotidiano escolar, com imagens narrativas de professoras de Educação Física.** 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

COPOLILLO, Martha, SANETO, Juliana Guimarães. **Pensando em redes: corpos, culturas e diversidades.** In: SILVA, Maria Cecília de Paula; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Organizadores). Caderno de Ciências do Esporte, Educação Física e Produção de Conhecimento em 40 anos de CBCE. Volume 7 – Corpo e Cultura. Editora Edufrn; Natal, 2020.

KOHAN, W. O. **A infância da Educação: o conceito devir-criança.** Educação Pública, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2002. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>. Acesso em: 29 out. 2023.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da Educação: o conceito devir-criança.** Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo.** Tradução: Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2009.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. **O lugar da Educação Física na Educação Infantil.** 2018. 211 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/10537> . Acesso em: 29 out. 2023.

MIZUKAMI, M. G. N. **A corporeidade na Educação Infantil: uma abordagem fenomenológica.** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 33-50, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03v34121.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

OLIVEIRA, A. P. **O corpo como linguagem na Educação Infantil.** Revista Educação em Questão, v. 28, n. 14, p. 7-23, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/1130>. Acesso em: 29 out. 2023.

OLIVEIRA, A. P.; MIZUKAMI, M. G. N. **A expressão corporal na Educação Infantil: uma proposta de trabalho pedagógico.** Revista Educação em Questão, v. 28, n. 14, p. 7-23, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/1130>. Acesso em: 29 out. 2023.

RUFINO, L. G. B. Habilidades socioemocionais: O papel da Educação Física na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno. Nova Escola, 18 May 2021. Available at: <https://novaescola.org.br/conteudo/20361/habilidades-socioemocionais-o-papel-da-educacao-fisica-na-perspectiva-do-desenvolvimento-integral-do-aluno>. Accessed on 15 Nov 2023.

SILVA, A. M. **Corpo e diversidade cultural**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.